

CRÔNICA DO PAN

denisechaves@hotmail.com

> Direto do PAN do Rio

Sonho de criança



Tirem as crianças da sala! Não da sala de aula, mas das viciantes *lan houses*, das salas

de cinema, das paredes dos apartamentos. Vamos colocá-las em campo correndo atrás da bola, nas quadras tentando um ace ou a cesta de três pontos, nas pistas de atletismo brincando de apostar quem chega primeiro.

Felizmente, as platéias desse Pan estão lotadas de crianças, desde bebês de colo até aqueles adultos que, como eu, saem da arena depois de um jogo com uma vontade imensa de voltar no tempo e brincar de Olimpíadas na rua: "Mãe, fica olhando agora que eu vou pular!"; "Pai, olha eu andando

de bicicleta sem as mãos!"; "Nossa, vocês viram essa cambalhota que eu consegui dar agora?".

Cada criança que vejo no Pan do Rio está com os olhinhos vidrados nos seus ídolos e imagino que estão pensando em um dia ser como a Jade Barbosa ou o Thiago Pereira. Trazem cartazes, se enrolam na bandeira do Brasil, batem palmas mesmo quando não conseguem acompanhar direito o que está acontecendo e pedem ajuda à mãe: "Já ganhamos?".

Reparem que os pais de atletas, sempre que dão entrevistas, contam que o esporte foi a maneira de permitir aos filhos gastarem tanta energia, que toda criança tem, e que não merece ser confinada. Já basta nós,

adultos, estarmos trancados em escritórios, em maratonas de reuniões, escravos de sites de relacionamento, bate-papo virtual e e-mails. Se não temos como nos fugir dessa rotina, então vamos fazer de tudo para que pelo menos as crianças façam mais exercício do que teclar rapidamente.

Não é tão difícil, nada de ficar esperando projetos mirabolantes de governos para incentivar o esporte. Basta optar em dar uma raquete de presente para o seu afilhado no lugar de um tocador de MP3. Usar o dinheiro reservado para a compra do último modelo de videogame que seus filhos pediram para, em vez disso, ficar sócio de um clube. Com certeza, só uma pequena parte das crianças vai ter chance de um

dia se tornar atleta profissional, mas se só uma conseguir já não valeu a pena tentar?

Em todas as competições que pude assistir no Pan, é claro que me lembrei da minha total falta de habilidade em esportes coletivos, ou das limitações que me deixam longe de ser atleta. Mas ninguém precisa saber. Dentro de mim, a fantasia de criança ainda está viva e me vejo em quadra, na pista, na piscina, ouço a torcida gritando meu nome. Gritando os nomes de todas as crianças, as de pouca idade e as que já envelheceram mas não deixaram de sonhar. Vai, Denise! Vai, Sofia! Vai, João! Vamos lá, criançada, tem muita medalha ainda pra gente buscar!

> DENISE CHAVES é jornalista, esportemaníaca, e escreve especialmente para O POVO.

CRÔNICA DO PAN

denisechaves@hotmail.com

> Direto do PAN do Rio

Na alegria e na tristeza

ESTA COLUNA É PUBLICADA ÀS QUARTAS E DOMINGOS



Mais uma vez, perdemos. Primeiro, foi o vôlei feminino, para Cuba, e agora o

basquete feminino, para os Estados Unidos. A frustração é grande e custa a passar. Quando o País todo ligado em um jogo, só esperando o momento de soltar o grito de "É campeão!" e correr pro abraço, lá vem o esporte nos lembrar que somos falíveis. Nesses dois dias de derrota o céu estava cinza no Rio de Janeiro, como se a fumaça do acidente em Congonhas chegasse por aqui. A tragédia contaminou a alegria no Brasil e é claro que imaginávamos que as vitórias ajudariam a recuperar o brilho do Pan. Só faltou combinar com as adversárias.

As brasileiras tremeram, amarelaram, é o que todo mundo diz. Mas sou da opinião que o ofício do torcedor é torcer, na alegria e na tristeza. Dignidade mesmo é continuar sendo "brasileiro-com-muito-orgulho-com-muito-amor" quando aquelas cubanas enormes estão pulando na nossa quadra, ou quando as americanas fazem as cestas de 3 pontos que tanto precisávamos, justo no nosso Maracanãzinho. Na nossa Arena Olímpica.

A vaia não é justa. Temos que aprender sim a ouvir o hino adversário, aceitar o triunfo alheio. Quantos americanos já vimos nesse Pan recebendo ouro sem expressar a menor emoção, a gente fica esperando uma lagrimazinha, um recado para a mãe, e eles lá com cara de copo d'água. Ah, se fosse um

brasileiro!

O esporte é feito de glórias e derrotas, exatamente como a vida de cada um de nós. Há momentos em que você pode fazer o possível, dar seu máximo, aí se depara com cinco match points a favor e parece que dessa vez não tem como dar errado. Ou vence os três primeiros quartos e imagina que está no caminho definitivo para a vitória. Só que as coisas acontecem exatamente como tem que acontecer. Esta aí a Copa América que não nos deixa mentir: era certo que a Argentina ia nos atropelar, mas o que foi que vimos?

Nesse Pan, a nadadora Fabíola Molina, com a senioridade de seus 32 anos, saiu da piscina com a prata e sua primeira declaração foi sobre sua vitória pessoal, muito

mais importante do que a medalha. Os Guilhermes do Brasil conquistaram o bronze e fizeram a imprensa nacional falar de badminton. Hoje, se perguntamos para qualquer um que acompanhe o Pan, ele irá saber que ganhamos uma medalha com raquetes e petecas. Isso sim é que é vencer.

Nesse insano mundo competitivo, fomos ensinados que só é bom quem chega em primeiro. Perder dói, mas revolta ainda mais ver um brasileiro abandonar a torcida antes do último ponto, deixar a arena antes de ver as lágrimas sinceras da mulher que fez história no basquete. É isso aí, Janeth, ser vencedor não significa vencer sempre.

> DENISE CHAVES é jornalista, esportemaníaca e escreve especialmente para O POVO.

Réveillon em julho



"Tô me sentindo no réveillon", disse uma torcedora ao descer do ônibus, enquanto caminhávamos até o Maracanã. Esse era mesmo o clima da abertura do Pan 2007: muita gente de branco, como pediu a organização, numa alegria difícil de conter, nesse réveillon em plena sexta-feira 13, mês de julho, inverno com mais de 30 graus no Rio de Janeiro. Para entrar no Maracanã me despeço de uma maçã, um pacote de bolachas e uma garrafa de água porque não se pode entrar com comida nem bebida no estádio, ordens da lanchonete oficial do evento.

Entreguei tudo ao Papai Noel, um sujeito que resolveu usar sua roupa de festa para esse dia tão especial. Exatamente às 14h41 cheguei ao meu lugar: setor 4, fila 32, cadeira 11. Achou que a marcação de assentos não ia funcionar? Pois ela foi respeitada sim, com a ajuda de muitos e gentis voluntários.

Aliás, além de indicar os assentos, os voluntários animam a torcida, ensinam coreografias, tiram aquela foto que todo mundo pede, e recebem do público aplausos tão calorosos quanto os dirigidos aos atletas brasileiros durante a cerimônia. São vários os sinais de orgulho dos brasileiros com o seu país, ao menos no esporte: o Brasil está na bandeira, no boné, na camisa, no grito desafinado de emoção durante o hino nacional.

Tomado de emoção, o Maracanã virou selva, praia, Carnaval. O Pan realizado no Brasil é um espetáculo não apenas bonito - lindo! - de se ver, mas empolgante porque você conhece as músicas, elas fazem parte da sua vida. Já pensou o que é cantar "Boi, boi, boi / Boi da cara preta" num coro de 95 mil pessoas? E justo no dia internacional do rock! A parte do desfile dos atletas é cansativa, mas é uma aula de geografia, ou você vai fingir que sabia que República Dominicana e Dominica são países distintos, assim como Ilhas Virgens e Ilhas Virgens Britâni-

cas? Ou que você já tinha ouvido falar em países como São Cristóvão e Névis e São Vicente e Granadinas?

Nessa hora surge a turma do "Sentaaaaa!", que se vê no direito de cutucar o espectador da frente que curte a festa dançando animado, só porque o cidadão estranhamente está na festa ao vivo, mas prefere vê-la com seus binóculos de longo alcance, como se estivesse em frente à TV. Mas as pessoas acabam se entendendo e dá tudo certo, ou quase tudo. O pedido da organização para tirar fotos sem flash teve placar de Sonora Vaia 1 x Adesão 0. E no país cuja paixão nacional de todos os sexos é o futebol, o banheiro feminino do estádio não tem um mísero espelho para retocar o batom. Fala sério!

Mesmo diante dessa enorme dificuldade, as mulheres resistem e brilham na festa. É o caso da que estava bem na minha frente, usando uma camisa com o texto "Amapá no Pan 2007" enquanto agitava animada a bandeira do seu Estado. Ela é a simpática Izaneth Luzz, 52, que embarcou no vôo Macapá-Belem-Brasília-Rio e não demonstrava o menor estresse de aeroporto. Trouxe a neta Karen Karolina, 10, e Albertinho Conceição, 14, sobrinho.

É a primeira vez que visitam o Rio e eles têm uma intensa programação até o dia 29, com preferência pela ginástica artística. A família pulou, sambou, se emocionou com a festa. O Pan do Rio é tudo isso, não tem a ver somente com gostar ou não de esportes. É gostar de viver.

> Denise Chaves é jornalista, esportemaníaca e escreve especialmente para O POVO.



Esgrima e futebol



Tarde de sábado no Engenhão, jogam Brasil e Jamaica no futebol feminino.

Um calor danado e a confusão está feita na porta: fila pra comprar ingressos, para trocar os comprados pela Internet, fila maior ainda para entrar. Onde estão os simpáticos voluntários para organizar a bagunça? Ouço os gritos do lado de fora, o Brasil já vence por dois a zero e termina o primeiro tempo quando finalmente entro no estádio.

Quanta diferença para a manhã de domingo no Riocentro, disputa de esgrima, florete individual feminino. Estandes de patrocinadores com mil brindes e agradinhos, ar condicionado no pavilhão e a voluntária me aborda para ajudar a encontrar o assento, falando em inglês!

Na arena da esgrima, há somente 1 mil lugares para espectadores e para identificar as atletas temos que olhar o placar, já que os uniformes brancos e as máscaras são praticamente iguais. Lá estão S. Rothfeld e T. Rochel, as brasileiras Sílvia e Taís. Mesmo em um distante lugar entre os 45 mil do novo estádio, na camisa amarelinha da seleção de futebol é moleza achar a Pretinha, a Kátia Cilene. Começa o segundo tempo no Engenhão. Jogo fácil, em vários momentos o campo do Brasil é habitado apenas pela nossa goleira.

Na esgrima, a luta é mais dura: as brasileiras perdem para as peruanas, canadenses, americanas, mas ainda há duelos pela frente. Na frente da Marta, em direção ao gol, só a zagueira jamaicana, mas

ela ganha na corrida, entra na área e é derrubada. Pênalti! O Brasil termina com 5 a 0 nos 90 minutos. Mais um revés no florete, 5 pontos para a adversária e a luta termina antes dos 3 minutos regulamentares.

Agora vai, um clássico Brasil e Argentina. S. Rothfeld encara F. Normandi. A Argentina abre o placar com um toque, a brasileira empata. Dois a um e Normandi vibra, 3 a 1 e começo a desconfiar se não será o Riquelme por baixo daquela máscara. Mas a alma brasileira desperta, a nossa Sílvia discute com o juiz porque o computador não teria marcado o seu ponto, a torcida entra na onda, segue o duelo. Belo golpe, 3 a 2, mas de novo a adversária abre vantagem, falta só um ponto para vencer. Silvinha ataca, a Argentina reclama de um toque do florete que machucou sua mão. É catimba, ô seu juiz! Perdemos o clássico por 5 a 2, mas no geral, duas vitórias da Taís e uma da Sílvia lavam nossa alma na esgrima.

Na saída do Engenhão, as famílias estão com suas cadeiras na calçada e nos bares de esquina rola a cervejinha tomada em pé mesmo, com o cuidado de desviar do vira-lata que cisma em entrar e sair do boteco. Na arena da esgrima, a senhora fala ao celular: quer saber se a empregada cumpriu a ordem de colocar para assar o frango ao curry do almoço de domingo.

Tudo isso é o mesmo Pan. Pode ser cerveja, pagode e futebol, pode ser frango ao curry, lounge music e florete. O importante é fazer parte da festa no Rio de Janeiro.

> Denise Chaves é jornalista, esportemaníaca e escreve especialmente para O POVO.

Viver para torcer

ESTA COLUNA É PUBLICADA ÀS QUARTAS E DOMINGOS



Estou na Internet e uma amiga pergunta: "E além do Pan, como vão as coisas?" Tá maluca? Como assim "além do Pan?" Nada como estar de férias e ter o privilégio de passar uma tarde de segunda-feira no Maracanãzinho vendo o vôlei feminino. Ou passar seis horas de uma terça-feira colhendo ouros com o Brasil na ginástica artística. Já ouvi dizer que há vida além do Pan, mas nisso sou muito cética. Não quero outra vida!

A irmandade torcedora toma conta do Rio. No ponto de ônibus, todos se reconhecem, basta uma camisa amarela, uma bandeira brasileira ainda timidamente dobrada, esperando o momento de ser chacoalhada na arquibancada, quem sabe enxugando as lágrimas de emoção por uma medalha.

O sentimento pela terra natal também cresce nesses momentos. No Maracanãzinho, em meio a bandeiras de vários Estados, avisto uma faixa amarela: "Paracuru no Pan 2007". Cidade de belas praias, Paracuru fica a 80 km de Fortaleza e tem pouco mais de 25 mil habitantes. É de lá que veio a família Carvalho, no jogo de vôlei Brasil x México, representada pelos universitários Diego, Rebeka, Bruna, Lorena e a tia Irlene, que é quem toma conta da turma. A idéia da família cearense era ver e ser vista.

Qualquer maneira de torcer vale a pena. Do meu assento na arena de ginástica tenho ótima visão da tubulação do ar condicionado do teto, enquanto enxergar as notas de cinco dígitos no placar são desafios pan-

americanos para miopes. Mas a galera vibra, vibramos todos! São tantas olas que dariam um tsunami.

Ao contrário da moleza que foi o vôlei, nesse esporte aguardar as notas é uma agonia. É como se você tivesse que esperar o final de um jogo para o juiz decidir se o gol foi legal, se o ponto valeu, ou confirmar quem chegou na frente. Nesses longos minutos, uma garotinha de apenas 7 anos vira comentarista da arquibancada: "Ele raspou o pé no chão, isso tira pontos" e "ih, lá vem a Johnson. Ela é fera em todos os aparelhos!"

Nathália Campos Touça brinca de virar estrelas e faz alguns exercícios nos intervalos da 3ª série B. De férias, pediu para ver os ginastas no Pan, mas é avessa a fotos, apesar da insistência do pai. "Minha filha, quando é que vai ter outro Pan no Brasil? Daqui a 20 anos você pode até lembrar desse dia, mas o seu pai não!"

Diego, Mosiah, Jade, Laís e Daniele saciam nosso apetite por medalhas, mas as glórias não enchem barriga de torcedor. E como passamos fome nesse Pan! Há dias que meu único alimento é o pão com salsicha sem nenhum molho que aqui insistem em chamar de cachorro-quente.

Voltamos para casa tarde da noite, cansados, famintos, mas muito, muito felizes. Só então percebo minhas mãos verdes, impregnadas com a tinta da bandeira do Brasil levada em todas as provas. Que seja assim até o fim do Pan.

> **Denise Chaves** é jornalista, esportemaníaca e escreve especialmente para O Povo.